



# Mulher e sexualidade na Galiza

Documento exposto palestra de AGIR "Mulher e sexualidade" (25 de Março de 2009. Compostela)

Noela Campanha (Membro da Mesa Nacional de BRIGA)

Desde a sua constituíçom, BRIGA apostou polo abordamento directo das luitas sexuais desde umha óptica marxista. A preocupaçom pola emancipaçom e a liberdade sexual nom pode ser estranha à actividade dumha organizaçom juvenil revolucionária num país oprimido enquanto a sexualidade fai parte da centralidade das necessidades básicas de qualquer ser humano.

Polo tanto, as luitas sexuais som um outro espaço de combate contra a exploraçom e a opressom da humanidade.

Na actualidade na Galiza, e no mundo, a sexualidade tem umhas características muito claras: Restringida, reprimida, imposta, mercantilizada e machista.

Falar de liberdade sexual é falar de feminismo. O primeiro sistema de opressom que se assentou no planeta baseou-se na submissom das mulheres aos homens partindo do controlo, domínio e repressom da sexualidade feminina por parte do poder masculino, a partir do qual se configura o sistema patriarcal.

Desde entom, a obsessom polo domínio e repressom sobre as sexualidades tem sido umha característica básica dos sistemas de exploraçom e dominaçom que vinherom apòs esse patriarcado inicial. Há que lembrar que qualquer sistema opressor soubo reconfigurar no seu benefício o sistema patriarcal bem fosse a Roma antiga, o Xapóm feudal, a Holanda do início do capitalismo, a Galiza do 1950 ou a do 2009. Sem excepçom, ao longo da história fôrom-se impondo sempre uns modelos sexuais dominantes acompanhados dumha selvagem repressom as pessoas discordantes.

Ao reflexionar sobre sexualidade é chave entender a resposta a pergunta de : Por quê vivemos num mundo no que existem patróns de conduta sexual aceites e outros nom?

Devemos ser conscientes de que qualquer patrom de conduta sexual é umha construcçom artificial. As jovens somos educadas sexualmente nuns valores que justificam o modelo social, político e económico no que vivemos: o modelo patriarco-burguês.

As jovens trabalhadoras galegas estamos mui longe de disfrutar umhas vivências sexuais desprovidas da repressom ou o controlo dos comportamentos sexuais patriarcais, a imensa maioria sinte a repressom, detecta-a na sua vida diária, ainda que nom seja capaz de descifrar o por quê ou a quem beneficia a repressom sexual.

Ante isso, é fulcral analisar como som e de onde provenhem estes patróns ou morais sexuais da Galiza do 2009 e quais som as conseqüências e a quem beneficia umha sexualidade como digemos, restringida, reprimida, imposta, mercantilizada e machista.

Som vários os aparelhos ideológicos do sistema patriarco-burguês que exercem continua e conscientemente violênciã contra as jovens galegas. Aparelho que devem ser denunciados e combatidos com firmeza e que apesares de serem muito óbvios tenhem tantas ramificaçoms na sociedade que às vezes nom os identificamos com suficiente claridom:

**a)** A Igreja Católica e a sua ultra-repressiva moral e misogínia ceba-se com as mulheres e em muito maior grau com as mulheres trabalhadoras, funcionando como umha das maiores e mais efectiva organizaçom terrorista machista do planeta.

Papas, bispos, curas, catecistas e todo tipo de integristas católicos trabalharom e trabalham sem descanso para reduzir a sexualidade à sacralizaçom do contrato matrimonial, para a instauraçom da instituiçom da familia e a ligaçom sexualidade-reproducçom, com umhas conseqüências fatais, polas quais se:

**1.** Impujerom um único modelo de relaçom como o normal e natural: o casal heterossexual, fora disso todo é aberrante e enfermijo para eles.



**2.** Consolidarom o contrato matrimonial convertindo a mulher no eterno "anjo do fogar" que vive e morre por manter a unidade familiar, "obrigada" peaje pola que nos condena a ser filhas-maes-esposas no qual o caminho vai ser: abnegar-se, com prazer e obedecer.

Ante isto a fidelidade convirte-se numha constricção sexual obrigatória, por suposto sempre mais férrea para as mulheres, e polo tanto, a estigmatização brutal do adulterio femenino convertida na pior das traizons, no assassinato desse "anjo do fogar" tam admirado polo patriarcado.

**3.** Ao tempo a sua misoginia leva-os a transformar-nos numha espécie de incubadoras asexuadas, inclusive contra a nossa votade.

A forte influência que a Igreja católica tivo e ainda tem actualmente no Estado Espanhol, explica a sua grande preocupação por manter as leis patriarcais que impulsaram intactas, o exemplo mais claro é a penalização do aborto e a última campanha da Conferência Episcopal ou nestes momentos a do Foro Espanhol da Família.

O oportunista uso do PSOE nesta matéria em plena campanha eleitoral na CAG e na CAB, gerou umha polémica que conseguiu consolidar um lugar de acubillo para os reaccionários, misóginos e rancios sectores herdeiros da España fascista do 36. A mediados de marzo viamos como a C. E. com a sua campanha antiabortista levava as ideias do machismo mais descarnado às ruas. Ao tempo tinham, lugar mobilizações promovidas polas plataformas patriarcais, neofascistas e populistas como *Direito a Viver*, *Marcha pola Vida*, *Pro-vida*, *Hazteoir*, *Médicos pola Vida*, *Foro Espanhol da Familia* etc Mas aí nom cesarom as provocações ao feminismo. Nesta eufória, o Foro Espanhol da Família anunciou umha nova campanha: "A sua vida e a tua vida: a defesa da vida é um reto para o século XXI" ou a "Declaración de Madrid" assinada por mais de mil "científicos (muitos em postos de alta responsabilidade) e intelectuais espanhóis" contra a Reforma da Lei do Aborto.

Esta intensificação da ofensiva patriarcal por parte de organizações antiabortistas esta-se a dar também no contexto internacional. Cada vez som mais e melhor organizadas este tipo de campanhas, as quais som possíveis por vários factores: Em primeiro lugar devido a que grande parte destas organizações contam com a financiación de partidos ultracatólicos e da ultradireita, e em segundo lugar por que tenhem contactos a nível internacional formando umha espécie de rede de "associações irmãs" noutros países. É dizer, o carácter militante destes grupo integra-se num amplo movimento reaccionário, com claras ligações sociais e políticas dos defensores do sistema patriarcal-burguês.

Mentres a política institucional segue criando vácuos debates com um PP alinhado, como sempre, com as ideias mais involucionistas; um PSOE jogando ao despiste ofertando a lei de prazos como umha medida verdadeiramente progressista; um BNG mais desnortado ainda após a derrota eleitoral do 1 de marzo. E o pior de todo umha parte do movimento feminista galego preso dos mandatos institucionais do ordem e o talante.

Em resumo a Igreja Católica e os seu lacaios é a vanguarda na educação na repressão sexual, nom esqueçamos tampouco as últimas declarações do Papa sobre os condóns aos que responsabiliza de agravar o problema que provoca VIH, as teses sobre a enfermidade e anomalias das lésbicas, gays e transexuais...

Em geral, poucas cousas a dia de hoje se escapam a esta moral católica.

### **O papel dos centros de ensino**

"Falar de sexualidade é difícil porque imaginamos sempre cousas associadas a ela que nos avergonham. Se calhar, é por isso que os professores nom tenhem vontade para conversar connosco". Esta é a resposta dumha rapariga quando se lhe pergunta sobre que tipo de tratamento se lhe da à sexualidade no liceu.

Poucas som as jovens que tenhem umha formação científica em sexualidade.

Na Galiza do 2009 a formação em sexualidade nom responde a nengumha estratégia nem planeamento, falam da transversalidade nas matérias para dizer que nom se vai fazer nada.

A educação sexual cumpre um papel meramente informativo nom formativo, nesta altura cumpre dizer quando se fala de formação falamos de formação em liberdade, nom da deformação do sistema educativo actual. Medos, vergonhas, tabús... E qual é o resultado de todo isto? Gravidezes nom desejadas, aumento de infectadas de DTS, umha sexualidade cheia de prejuizos além de nom exprimir todo o que se poderia às



relaçons sexuais como veremos mais abaixo.

### **O papel dos governos**

Nuns estados burgueses nos que só é importante aprovar e fazer avançar as políticas neoliberais, as políticas sociais esquecem-se e soem ser usadas na prática maioria das vezes como moeda de troco eleitoralista. Centrando-nos só um pouco no caso do aborto

No Estado Espanhol, desde a chegada à Moncloa de ZP sempre o usou dum jeito oportunista à que contraditório. Na campanha eleitoral do 2004 a Reforma da Lei do Aborto aparecia de jeito superficial no programa, após as detençons e citaçons judiciárias de mulheres acusadas de realizarem abortos "nom permitidos", Zapatero obviou as pressons sociais dos sectores mais avançados e elimina-a do programa eleitoral do 2008, para apacigua-los logo com a aprovaçom de umha ambígua resoluçom que só apontava a lei de praços.

Imers@s numha crise global que mantém ocupado ao PSOE protegendo à burguesia espanhola, só podem aferrar-se às suas raquíticas e superficiais "medidas sociais" para dar umha sensaçom de que o PSOE e o PP som opçons políticas diferentes na sua particular luita polos votos.

A sua Lei de Praços nom fará mais que legislar a partires da ideia-base do integrismo católico, identificando as mulheres que decidam abortar com assassinas, descerebradas, inconscientes etc. quëstionando a capacidade de adoptar decisons sobre a sua própria vida.

Assim a lei da praços é inassumível para a esquerda conseqüente. A única lei que aceita o feminismo de classe é a que garanta a autonomia reprodutiva das mulheres estabelecendo a decisom pessoal como causa exclusiva para abortar. Umha lei que assegure que nom se vai permitir a objecçom de consciência do pessoal sanitário antiabortista, que proteja a privacidade para as mulheres e que garanta a cobertura pública na íntegra numhas óptimas condiçom.

### **Os meios de Comunicaçom**

Som as principais canles de informaçom em sexualidade da juventude junto com @s amig@s e seguido de longe de familiares.

Televisión, revistas, rádios, jornais e internet som polo tanto outros dos responsáveis da deformaçom da nossa educaçom sexual. O seu papel só serve para sacralizar os roles de género ligados ao sexo ( insistindo no rol masculino para os homens e o feminino para as mulheres) reproduzir a submissom da mulher, impor insaudáveis cânons estéticos de beleza, fomentar violênciamachista simbólica e o falocentrismo... É dizer, os meios de comunicaçom som um dos mais eficazes agentes socializadores do sistema patriarco-burguês o qual transforma de umha forma muito agressiva, às jovens numha mercancia, no qual ou nos volvemos no "objecto de desejo" ou ficamos fora do "mercado" como "fracassadas, inseguras ou inadaptadas".

Todas as inseguranças que criam e fomentam som as galinhas dos ovos de ouro, de elevadíssima rendabilidade ecómica: cremas anti-arrugas, de depilaçom, tintes, solariums, modas, operaçons "estéticas" etc nengumha denúncia do patriarcado será completa se nom se denuncia tanto os benefícios materiais como os simbólicos.

Todo o anterior fomenta, contribue e reforça os principais rasgos característicos da sexualidade da juventude galega, das que as jovens somos alvo:

#### **a) Machismo e repressom sexual estruturais.**

Por pôr uns exemplos:

- A auto-censura: quatro de cada dez pessoas nom som capazes de compartilhar as suas fantasias sexuais.
- Diferenças em quanto as relaçons: ½ populaçom de mulheres galegas tiveram um único casal na sua vida, enquanto o mesmo parámetro no caso dos homens reduz-se a ¼.
- Práticas sexuais como oral, anal ou relaçons em grupo tenhem umha forte percepçom negativa e muito mais se partem como iniciativa das jovens.

#### **b) Falocentrismo e submissom da mulher ao desfrute do homem.**

A jovens temos que ver como insistentemente como simbólicamente se presenta a rúbrica da relaçom sexual com o orgasmo do homem. Centrando a relaçom na penetraçom, ficando num segundo plano o prazer da mulher, esquecendo o resto de zonas erógenas do corpo e invisibilizando as práticas lésbicas.

#### **c) Violênciamachista, homofobia e transfobia.**



A associação antinatural de rol de género com sexo, a imposição dum único modelo de relação sexual e em definitiva a difusão acelerada da ideologia patriarcal som fertilizantes para que o ódio e a violência contra as mulheres e @s homossexuais sigam medrando e reproduzindo-se no seio da juventude.

Lamentavelmente os inquiridos informam que a maioria dos agressores homo e transfóbicos som menores de 30 anos, ao mesmo tempo que o número de mulheres menores de 25 anos vítimas de agressões ou mortas por violência machista vai em aumento.

**d)** Identificação entre afectividade e sexualidade. Conceito único de modelo de relação.

Ésta é umha das principais justificações ideológicas da repressão sexual que sofrem as jovens. A apropriação do sexo, umha faceta importantíssima da personalidade, pola parêlha reforça a ideia de propriedade, em resumo reforça o machismo.

As relações entre os seres humanos som múltiplas e variadas, e que umha relação sexual e afectiva nom tem por que ser menos "estável" ao deitarem-se amb@s com pessoas alheias a relação. De facto a dificuldade de viver a sexualidade como algo normalizado sem cargas de nemgum tipo fai-se difícil devido à alienação ideológica de séculos de capitalismo e milénios de patriarcado.

A meta é a emancipação sexual das jovens

No sistema patriarco-burguês todas as potencialidades e capacidades que definem as pessoas, tais como a criatividade, afectividade ou a liberdade sexual vêm-se atacadas polas condições objectivas que o capitalismo nos impom. Numha vida condicionada polo trabalho assalariado, exercido em multidom de ocasiões e condições de precariedade e sobre-exploração, redúzem-se ao mínimo as capacidades de gozar dos mais diversos prazeres que necessita para a sua felicidade e pode desejar o ser humano, incluído o gozo sexual.

O sistema capitalista ao igual que oferta como alternativa de ócio maciço a sobre-saturação de emoções artificiais nos find-de-semana, evasom para a miséria diária da juventude, também oferta umha actividade sexual de baixa qualidade, comercializada e abertamente machista. A crise capitalista neste aspecto também joga em contra das jovens trabalhadoras galegas, pois se neste contexto ideologias xenófobas ou fascistas colhem força também o fará o machismo, e polo tanto a repressão sexual aumentará.

Em todas as sociedades onde existiu umha moral sexual determinada houve sempre quem se saiu da norma e que, com diferente fortuna, viveu a sua sexualidade fora do estabelecido. De nom ser assim nom existiriam a imensa multidom de leis e normas atingentes a questões relacionadas com a sexualidade. Viver umha sexualidade desprovida de qualquer tabú é o caminho.

A construção dumha sociedade de mulheres livres exige, entre outras muitas condições, a vivência da sexualidade entendida também do jeito mais livre possível e desligada do reprodutivismo, umha condição que na Galiza está muito longe de se cumprir e que sem tomba-la o feminismo nom avançará.

Galiza, Abril de 2009

